

Cadeias Dominadas: figurações e simetrias entre Fundação Casa e ambiente prisional

Dominated Prisons: figurations and simetries between the Fundação Casa and the prisional context

MALLART, F. *Cadeias Dominadas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2014. (Coleção Antropologia Hoje).

Evandro Cruz Silva^a

A contribuição de Fábio Mallart e sua obra “Cadeias Dominadas: A Fundação CASA, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos” para o debate acadêmico sobre violência urbana e a gestão de populações periféricas é notável. Com uma narrativa atraente e sem deixar escapar o apuro analítico, o autor consegue passar para o texto a miríade de sentimentos, impressões e relatos recolhidos durante seus cinco anos de trabalho de campo como professor de fotografia¹, criando uma imagem dinâmica das diferentes figurações produzidas pela história dos dispositivos de punição a “adolescentes em conflito com a lei”² no estado de São Paulo.

No prefácio do livro escrito por Vera Telles destaca-se na obra do autor a produção de uma narrativa do “[...] jogo das relações de poder entre atores que circulam nesses espaços institucionais [...]” (TELLES apud MALLART, 2014, p. 8). É sob a égide do dinamismo do “jogo” que subordina posições relacionais a regras situacionais e transitórias que Mallart conduz sua análise com a inspiração metodológica de base fundamental na obra do sociólogo Norbert Elias, o controle metodológico da pesquisa se expressa de maneira mais visível no primeiro capítulo para depois percorrer de maneira mais sutil nos capítulos restantes.

Se a utilização de trajetórias individuais ajuda o autor a colocar ordem nas “fotografias” que se embaralham na contínua experiência de campo e tornam possível a descrição de um movimento institucional na história, a análise crítica deste movimento tem como forte base as reflexões sobre a noção de poder presentes na obra de Elias (1994, 2000). Para o autor clássico sociologia alemã, o poder opera como um jogo relacional de posições entre atores interdependentes que produzem figurações representativas de sua posição no contexto atual de sua relação.

Com esta base teórica Mallart analisa como fora possível e quais são os efeitos dos diferentes equilíbrios e desequilíbrios dos jogos de poder presentes nas unidades da Fundação CASA as quais visitou e quais figurações são produzidas a partir destes diferentes jogos.

¹ O autor especifica na introdução (MALLART, 2014, p. 10) que os períodos de incursão foram realizados entre os anos de 2004 e 2009 e que suas primeiras visitas tiveram como objetivo a realização do projeto de conclusão de curso em Comunicação Social (Jornalismo), a partir de 2005 o autor relata que começou a ingressar nas unidades da Fundação como professor contratado, condição que manteve até 2009

² A utilização das aspas nesta expressão aponta para a reflexão de Feltran (2011b, p. 259-267) sobre o seu duplo significado, ora declarando a necessidade de cuidado para com um sujeito que não se ajusta a lei, ora declarando a necessidade de repressão do sujeito que degrada a lei.

^a Mestrando em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, membro pesquisador da Namargem – Núcleo de Pesquisas Urbanas e do Centro de Estudos da Metrópole, São Carlos, SP, Brasil. Contato: evandro.nash@gmail.com



Em seu segundo capítulo, Mallart inicia a descrição etnográfica ao contar a história de Lucas, personagem que tivera sua história marcada pelo trânsito entre instituições desde 1973 como “menor abandonado” até sua situação atual de ex-interno que ministra oficinas de teatro para adolescentes da Fundação Casa. Enquanto o deslocamento institucional é descrito por Mallart através de uma revisão do histórico de implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente e a prática implícita de separar os adolescentes entre “abandonados e perigosos”, os depoimentos de Lucas atestam o caráter decisivo da chegada dos “ladrões” durante sua estadia na Unidade 4 em Batatais, no interior de SP.

Se outrora os castigos físicos dos funcionários e a violência entre os adolescentes internos era comum no ambiente das *cadeias*, a chegada de atores com experiência na “mundo do crime”³ marcou para Lucas o aumento de poder dos internos na relação com os funcionários e o início da produção de uma “justiça entre os ladrões”

A chegada dos *ladrões* junta-se a outras experiências e leituras do autor tornando possível a afirmação de uma simetria das condutas dos adolescentes internos e dos adultos ocupantes de presídios comuns, condutas estas que seriam orientadas pelas prescrições morais do Primeiro Comando da Capital (PCC) denominada *disciplina*. Interdições ao estupro entre internos, roubos, ficar sem camisa ou se masturbar em dias de visita, todas práticas conhecidas em outras descrições sobre os membros do PCC em presídios (BIONDI, 2010) assim com posições de comando como *faxinas* e *pilotos* fazem parte do cotidiano descrito por Mallart em *Cadeias Dominadas*.

A simetria por parte dos adolescentes vem acompanhada de um movimento semelhante descrito pelo autor no que se refere à administração e funcionamento dos ambientes de internação, a nomeação de diretores com carreiras vinculadas a instituições militares, a arquitetura das Fundações Casa semelhante a presídios, regimes de aprisionamentos extensos e a formação do “Choquinho” tropa de choque da Polícia Militar específica para conter rebeliões entre os adolescentes internos conduzem o leitor ao argumento central proposto por Mallart: a redução da maioria penal, assunto de grande debate público, já está sendo posto em prática de maneira paralegal no cotidiano da Fundação Casa.

Concluindo o segundo capítulo, o autor volta aos argumentos de Elias para reafirmar sua intenção de descrever as instituições de gestão como um processo, o que garantiria tanto a fixidez das remanescências de algumas práticas no decorrer da história ao mesmo tempo que retrata com dinamismo as mudanças de estatutos nos jogos de poder entre gestores e geridos. Para tanto Mallart retoma dois conceitos do autor: configuração e figuração.

A configuração, segundo Elias (1970), é o estado de um jogo de poder em seu momento de observação e as figurações seriam as representações sociais provenientes dessa configuração específica. Figuração, por sua vez, são as categorias utilizadas pelos participantes dos jogos para representar suas posições atuais (ELIAS, 1970)

Na terceira parte de sua obra a figura de Pedro, capturado após um roubo mal sucedido à casa de um artista francês, aparece como personagem principal na análise das figurações provenientes do jogo de poder entre funcionários da instituição e internos em sintonia moral com o PCC. Em sua primeira experiência prisional na Unidade de Atendimento Inicial (UAI) na Zona Leste da capital paulista o que se apresenta é o exemplo de uma *cadeia na mão dos funça* com domínio predominante dos funcionários produzindo uma postura de submissão por parte dos internos que se expressavam nos corpos dos adolescentes e suas mãos para trás, cabeças baixas, a repetição de frases como “licença senhor, licença senhora”. Passado o período de atendimento inicial, acompanhamos a passagem de Pedro pela Unidade de Internação-1, nas

³ Por “mundo do crime” remeto-me as reflexões de Feltran (2011a, p. 315-338) que considera o crime como um marco discursivo que orienta o cotidiano de praticantes de atos criminais e seus arredores nas periferias paulistas ao mesmo tempo que cria publicamente a figuração dicotômica entre trabalhadores e bandidos.



redondezas do Brás. “A UI-1 se caracterizava como uma *cadeia dominada* e nela podemos ver a formação da trajetória de Pedro no ambiente prisional até ocupar o posto de *piloto*, o qual carrega a liderança e a representação da *população* de uma determinada unidade.

Recorrendo mais uma vez a Elias, o autor descreve a relação entre funcionários e internos tendo como laço principal a tensão, pois, apesar do domínio da cadeia por parte dos internos “facilitar” o trabalho dos funcionários, este domínio era sempre visto com ressalvas já que ele representava uma confirmação evidente do poder de organização e imposição destes no ambiente institucional. O laço pela tensão também se faz presente na relação entre os internos, segundo Mallart, a subida nos postos hierárquicos do Comando como a desempenhada por Pedro ao mesmo tempo em que confere poderes ao sujeito, o coloca cada vez mais em exposição a problemas como a responsabilização por atos falhos de membros da população e a obrigatoriedade de se tornar um exemplo perante os membros da população, tendo sua caminhada cada vez mais observada e julgada.

Com a saída de Pedro da *cadeia*, a narrativa volta-se a Túlio, trajetória de vida que nos conduzirá até as outras duas figurações que se destacam no livro: as cadeias *meio a meio* e as cadeias *na mão dos funça*. Diferente de Pedro, que fora preso de forma prematura após um assalto mal sucedido, a carreira de Túlio no mundo do crime é recheada de credenciais de prestígio antes da vida dentro dos muros das *cadeias*. Preso após 16 assaltos, o garoto chega a Unidade de Internação 29 do interior de São Paulo em meados de Maio de 2006, período em que uma série de ataques vindos do PCC e da Polícia Militar de São Paulo produzem centenas de homicídios no estado de São Paulo.

Uma das resoluções para o fim deste ataque é o hasteamento da “bandeira branca” entre os membros sintonizados com os preceitos do Comando, sendo vetada as ações violentas tanto dentro quanto fora dos presídios. O veto dessas ações acontece em sincronia com a transferência de Túlio para a UI-25, em Franco da Rocha e o surgimento de uma nova figuração que se produz através do acirramento de tensões entre os funcionários que tentam retomar o poder de controle da *cadeia* e os adolescentes internos que perdem uma parte considerável de mobilização após a “bandeira branca”.

É desta mudança nas configurações de poder que surgem as *cadeias na mão do funça* e as *cadeias meio-a-meio*, porém, o desequilíbrio de poder que produzem as *cadeias nas mãos dos funça* gera reações por parte dos internos, a reorganização das lideranças na *população* e a denúncia dos abusos praticados pelos funcionários das unidades volta a equilibrar as forças no ambiente prisional. Ao final do capítulo, Mallart nos apresenta um contexto em que o poder se equilibra através de uma relação tensa entre funcionários e internos, é assim que surge a figuração das *cadeias meio a meio*.

Em suas considerações finais, o autor utiliza-se de uma reflexão sobre o *salve geral*⁴ meio de comunicação que entrega notícias, orientações e informes que concernem a todos que *correm com o Partido*⁵, os *salves* podem servir para organizar rifas, ordenar rebeliões ou simplesmente reiterar as motivações morais do Comando. Estes *salves* correm por penitenciárias adultas, pelas ruas por onde passam aqueles que *correm junto* e também pelas Unidades de Internação da Fundação Casa e explodem as fronteiras que imaginamos haver entre prisão e rua no cotidiano paulista.

Se os *salves* servem como ferramenta analítica para descrever um mundo poroso entre rua e cadeia, a etnografia de Fabio Mallart nos aparece como um *salve* de tom perturbador, ao fim da leitura de sua narrativa se faz necessário um esforço de memória para lembrar que

⁴ *Salve geral* ou só *salve* é uma categoria de campo que representa os avisos, ordens, ideias, notícias e mensagens que são espalhadas por aqueles que *correm com o Partido*.

⁵ *Correr com o Partido* é uma categoria de campo utilizada para representar aqueles que se consideram ou são considerados em sintonia moral com as ideias do Primeiro Comando da Capital.



os atores principais da descrição que se passa não são “bandidos adultos”. Independente das relações de causa e efeito, o cotidiano dos ambientes institucionais e dos adolescentes internos dentro das paredes da Fundação Casa que o autor nos apresenta difere em muito pouco com o cotidiano visto na produção que trata sobre as cadeias para adultos e aponta para uma redução maioridade penal institucionalizada de forma paralegal no estado de São Paulo.

Referências

BIONDI, K. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010. v. 1. 245 p.

ELIAS, N. *Introdução a sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1970.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Estabelecidos e Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FELTRAN, G. Notas finais: política, gestão e violência nas fronteiras urbanas. In: FELTRAN, G. *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011a. p. 315-338.

FELTRAN, G. Adolescentes em conflito com a lei. *r@u: Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, São Carlos, v. 3, n. 1, p. 259-267, jan./jun. 2011b. Disponível em: <<http://www.rau.ufscar.br/index.php/2015/05/27/volume-3-numero-1-2011-dossie-jovens-em-conflito-com-a-lei/>>. Acesso em: 3 set. 2015.

Recebido : 03 set., 2015
Aprovado: 22 dez., 2015